

O que é isto – habitar, em Martin Heidegger?

What it is this - to inhabit, in Martin Heidegger?

Ir. Everaldo Mendes, C. Stein.*

Historicamente, diz Martin Heidegger (1889-1976), discípulo do fenomenólogo Edmund Husserl (1859-1938), que a metafísica se extraviou. Ela não atingiu a questão fundamental da filosofia: *a questão do sentido do ser*. Mas a problemática é que, de Platão (427-347 a.C.) e Aristóteles (384-322 a.C.) até Georg W. Friedrich Hegel (1770-1831), a filosofia preocupou-se unicamente com os *entes*, isto é, com as coisas existentes; esqueceu-se do ser que foi entendido como permanência, congelado em sua realidade, confundido com os entes. Com isto, conclui Heidegger que não é mais possível fazer filosofia ao modo tradicional, a não ser, apenas, para repetir o que os outros já disseram. E propõe: Depois de *des-construir* toda a metafísica, pensar e dizer o impensado desse modo tradicional.

Mas o que Martin Heidegger compreende por superação da metafísica? No texto “A superação da metafísica”, diz esse filósofo contemporâneo alemão:

Na história do Ser, o pensamento usa essa expressão a título precário, apenas para se fazer entender. Trata-se de uma expressão que, a bem dizer, provoca muitos mal-entendidos por não permitir que a experiência chegue ao fundo, somente a partir do qual a história do ser entreabre seu vigor essencial. Este fundo é o acontecimento apropriador em que o próprio ser se sustenta. A superação da metafísica não significa, de forma alguma, a eliminação de uma disciplina no âmbito da “formação” filosófica. Como destino da verdade dos entes, ou seja, da entidade, já se pensa a “metafísica” *como* um dar-se e

Comunicação recebida em 14 de maio de 2009 e aprovada em 30 de junho de 2009.

* Psicólogo (CRP – 03/03212): Licenciado em Psicologia pela Universidade de Mogi das Cruzes – UMC, Bacharel em Psicologia pela Universidade de Mogi das Cruzes – UMC e Formação de Psicólogo (Psicologia Clínica) pela Universidade de Mogi das Cruzes – UMC, Pós-Graduado em Espaço Litúrgico e Arte Sacra pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUC/RS, Pós-Graduado em Filosofia pela Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP, Pós-Graduado em Direito Canônico da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas, Pós-Graduado em Filosofia e Existência pela Universidade Católica de Brasília – UCB, Pós-Graduado em Filosofia Contemporânea pela Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS, Mestrando do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Religião: Razão, Religião e Contemporaneidade da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas. Docente da Universidade do Estado da Bahia – UNEB e da Faculdade João Calvino – FJC. Diretor Geral da Faculdade de Santa Cruz da Bahia - FSC. Prior Geral do Mosteiro Steiniano de Santa Cruz, da Congregação dos Irmãos Steinianos de Santa Cruz. E-mail: mosteirodesantacruz@yahoo.com.br.

acontecer que se apropria, de maneira ainda velada mas decisiva, do esquecimento do ser. (HEIDEGGER, 2002a, p. 61)

Pensando desse modo, em 1927, Heidegger publica o seu maior e mais conhecido trabalho (embora inacabado) intitulado *Ser e tempo (Sein und Zeit)*. Na obra, Heidegger, seguindo o método fenomenológico, propõe-se a discutir e elaborar a *questão do sentido do ser*. Para tanto, parte da análise do ser do homem, que ele denomina *Dasein*, expressão alemã que significa, justamente, o *ser-aí*, isto é, *ser-no-mundo*. Na compreensão de Heidegger, o ser humano não constitui uma consciência separada do mundo: o ser do *ser-aí* é “estourar”, “eclodir” no mundo. Nesse sentido, a existência do *Dasein* é, necessariamente, *estar-no-mundo*.

Isto é de suma importância para a temática deste III Simpósio Internacional de Teologia e Ciências da Religião: Consciência planetária e religião, promovido numa perspectiva de urgência e cuidado pela PUC Minas, porque, do ponto de vista de Heidegger, esse trágico *esquecimento do ser* é, em grande parte, responsável pelo devir histórico da Europa e pelas calamidades que se abateram sobre o mundo contemporâneo, de modo especial no que diz respeito ao habitar.

Questiona-se, então: O que é isto – habitar, em Martin Heidegger?

Na conferência intitulada “Construir, habitar, pensar”, proferida por Heidegger no ano de 1951, diz o filósofo contemporâneo alemão, preocupado com a questão do sentido do ser, mas agora, a partir da linguagem (casa do ser), que parece só ser possível habitar o que se constrói. Este, o construir, tem aquele, o habitar, como fim.

Não obstante, nem todas as habitações são construções:

Uma ponte, um hangar, um estágio, uma usina elétrica são construções e não habitações; a estação ferroviária, a autoestrada, a represa, o mercado são construções e não habitações. Essas várias construções estão, porém, no âmbito de nosso habitar, um âmbito que ultrapassa essas construções sem limitar-se a uma habitação. Na autoestrada, o motorista de caminhão está em casa, embora ali não seja a sua residência; na tecelagem, a tecelã está em casa, mesmo não sendo ali a sua habitação. Na usina elétrica, o engenheiro está em casa, mesmo não sendo ali a sua habitação. Nelas, o homem de certo modo habita e não habita, se por habitar entende-se simplesmente possuir uma residência [...]. (HEIDEGGER, 2001b, p. 125-126)

Do ponto de vista de Heidegger, na atual crise habitacional, possuir uma habitação é tranquilizador e satisfatório; prédios habitacionais oferecem residência, com arquitetura e técnicas de construção contemporâneas. No entanto, questiona Heidegger:

Mas será que essas habitações trazem em si mesmas a garantia do acontecer de um habitar?

Na conferência em estudo, diz Heidegger:

As construções que não são uma habitação ainda continuam a se determinar pelo habitar uma vez que servem para o habitar do homem. Habitar seria, em todo caso, o fim que se impõe a todo construir. Habitar e construir encontram-se, assim, numa relação de meios e fins. Pensando desse modo, porém, tomamos habitar e construir por duas atividades separadas, o que não deixa de ser uma representação correta. As relações essenciais não se deixam, contudo, representar adequadamente através do esquema meio-fim. Construir não é, em sentido próprio, apenas meio para uma habitação. Construir já é em si mesmo habitar. Quem nos diz isso? Quem nos oferece de fato uma medida para dimensionarmos o vigor essencial do que seja habitar e construir? O acesso à essência de uma coisa nos advém da linguagem. Isso só acontece, porém, quando prestamos atenção ao vigor próprio da linguagem. Enquanto essa atenção não se dá, desenfream-se palavras, escritos, programas, numa avalanche sem fim. O homem se comporta como se *ele* fosse criador e senhor da linguagem, ao passo que *ela* permanece sendo a senhora do homem. (HEIDEGGER, 2001b, p. 126)

De acordo com o poeta Carlos Drummond de Andrade, a palavra é para dizer, e não para embelezar. Neste caso, insiste Heidegger que é salutar o cuidado com o dizer. Não obstante, esse cuidado é vão se a linguagem continuar apenas a nos servir como um meio de expressão. Dentre todos os apelos que nos falam e que nós homens podemos a partir de nós mesmos *contribuir* para se deixar dizer, a linguagem é o mais elevado e sempre o primeiro. Com isto, ouvindo o que a linguagem diz na palavra construir (*bauen*), Heidegger percebe três coisas: a) Construir é propriamente habitar; b) Habitar é o modo como os mortais são e estão sobre a terra; c) No sentido de habitar, construir desdobra-se em duas acepções: construir, entendido como cultivo e crescimento e construir no sentido de edificar as construções.

Não obstante, questiona Heidegger: “Mas em que consiste o vigor essencial do habitar?” (HEIDEGGER, 2001b, p. 128). Habitar, a partir da escuta do dizer da linguagem, afirma: Permanecer pacificado na liberdade de um pertencimento, resguardar cada coisa em sua essência. Na compreensão de Heidegger, o traço fundamental do habitar é esse resguardo, que perpassa o habitar em toda a sua amplitude. Mostra-se, tão logo se propôs a pensar, que ser homem consiste em habitar, isto no sentido de um *de-morar-se* dos mortais sobre essa terra. E, “sobre essa terra” já diz “sob o céu”, o que supõe conjuntamente “permanecer diante dos deuses”, e isto “em pertencendo à comunidade dos homens”. Terra e céu, os divinos e os mortais – uma quadratura – pertencem um ao outro numa unidade originária.

Isto é importante para este estudo porque, na perspectiva heideggeriana, em habitando, os mortais são na quadratura. Estes habitam resguardando a quadratura em sua essência, à medida que salvam a terra. Neste sentido, salvar não diz apenas erradicar um perigo, que significa deixar alguma coisa livre em seu próprio vigor. Salvar é mais do que explorá-la ou esgotá-la. Não é assenhorar-se dela nem submeter-se a ela, o que constitui um passo quase imediato para a exploração ilimitada. Para Heidegger, os mortais habitam na medida em que acolhem o céu como céu, permitindo ao sol e à lua a sua peregrinação, às estrelas a sua via, às estações do ano as suas bênçãos e seu rigor, sem fazer da noite dia e nem do dia uma agitação açulada; na medida em que aguardam os deuses como deuses, não fazendo de si mesmo deuses e não cultuando ídolos; na medida em que conduzem o seu próprio vigor, com abertura para o reconhecimento da sua própria morte, com vistas a uma boa morte, o que não significa dizer, portanto, ter por meta a morte, nem ofuscar o habitar por meio de um olhar rígido e cegamente obcecado pela finitude do *ser-no-mundo*, mas abrir-se às possibilidades de compreensão da morte como parte constitutiva de existência humana.

No que diz respeito à morte como ponto final da existência humana, diz a fenomenóloga contemporânea de Heidegger e assessora de Husserl, Edith Stein (1891-1942) – "judia, filósofa, carmelita, mártir, [...] *que traz em sua intensa vida uma síntese dramática de nosso século*" (Papa João Paulo II, 1º de maio de 1985), e que a Igreja enumera entre seus *santos*, Santa Teresa Benedita da Cruz, desde 11 de outubro de 1998 – que o fim da existência humana reside na eternidade de Deus.

Por último, optou-se por "concluir" esta comunicação com a *fábula-mito do cuidado*, de Higino, apresentada por Heidegger em *Ser e tempo*:

Certa vez, atravessando um rio, "cura" viu um pedaço de terra argilosa: cogitando, tomou um pedaço e começou a lhe dar uma forma. Enquanto refletia sobre o que criara, interveio Júpiter. A cura pediu-lhe que desse espírito à forma de argila, o que ele fez de bom grado. Como a cura quis então dar seu nome ao que tinha dado forma, Júpiter a proibiu e exigiu que fosse dado o nome. Então "cura" e Júpiter disputavam sobre o nome, surgiu também a terra (*tellus*) querendo dar o seu nome, uma vez que havia fornecido um pedaço de seu corpo. Os dois disputantes tomaram Saturno como árbitro. Saturno pronunciou a seguinte decisão, aparentemente equitativa: "Tu, Júpiter, por teres dado o espírito, deves receber na morte o espírito e tu, terra, por teres dado o corpo, deves receber o corpo. Como, porém, foi a 'cura' quem primeiro o formou, ele deve pertencer à 'cura' enquanto viver. Como, no entanto, sobre o nome há disputa, ele deve se chamar 'homo', pois feito de húmus (terra)". (HEIDEGGER, 2002a, p. 263-264)

Mas persiste ainda a questão originária deste estudo: O que é isto – Habitar, em Martin Heidegger? Habitar significa salvar a terra, acolher o céu, aguardar os deuses, conduzir os mortais, enquanto um resguardo de quatro faces da quadratura, abrigar a quadratura em seu vigor de essência. Habitar significa ainda cuidar da quadratura: Terra e céu, os divinos e os mortais. Eis, pois, uma, dentre outras, das possibilidades que se mostra neste III Simpósio Internacional de Teologia e Ciências da Religião: Consciência planetária e religião.

Referências

DUMAS, J-L. **Histoire de la pensée: philosophies et philosophes**. Paris: Temps Modernes, 1990.

HEIDEGGER, M. A superação da metafísica. In: HEIDEGGER, M. **Ensaio e conferências**. Petrópolis: Vozes, 2001a.

HEIDEGGER, M. Construir, habitar, pensar. In: HEIDEGGER, M. **Ensaio e conferências**. Petrópolis: Vozes, 2001b.

HEIDEGGER, M. **Que é metafísica**. Tradução Ernildo Stein. São Paulo: Duas Cidades, 1969.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**: Parte I. Tradução Márcia Sá Cavalcante Schuback. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2002a.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**: Parte II. Tradução Márcia Sá Cavalcante Schuback. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2002b.

HEIDEGGER, M. **Sobre o problema do ser: o caminho do campo**. São Paulo: Duas Cidades, 1969.

HUISMAN, D. **História do existencialismo**. Tradução Maria Leonor Loureiro. Bauru: Edusc, 2001.